

2^a edição da 1^a parte
1^a edição da 2^a parte



John Carter Brown
Library
Brown University

JOHN CARTER BROWN
LIBRARY

Purchased from the
Trust Fund of
Lathrop Colgate Harper
LITT. D.

MARILIA
DE
DIRCEO.

POR T. A. G.

PRIMEIRA PARTE.



LISBOA:

NA OFFICINA NUNESTANA,

ANNO M. DCC. XCIX.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

1870
D. J. C. G.

ANNUAL REPORT
OF THE
COMMISSIONER OF THE
LAND OFFICE

1870
D. J. C. G.
1870
1870
1870

REC'D



MARILIA
DE
DIRCEO.



LYRA I.

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e nelle assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãns, de que me visto.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Eu

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
 Dos annos inda não está cortado:
 Os Pastores, que habitão este monte,
 Respeitão o poder do meu cajado.
 Com tal destreza toco a sanfoninha,
 Que inveja até me tem o proprio Alceste:
 Ao som della concerto a vóz celeste;
 Nem canto letra que não seja minha,
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
 Só 'apreço lhes dou, gentil Pastora,
 Depois que o teu affecto me segura,
 Que queres do que tenho fer Senhora.
 He bom, minha Marilia, he bom fer dono
 De hum rebanho, que cubra monte, e prado;
 Porém, gentil Pastora, o teu agrado
 Vale mais q̃ hũ rebanho, e mais q̃ hũ throno.
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Os teus olhos espalhão luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoila, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são côr da neve.
Os teus cabellos são huns fios d'ouro;
Teu lindo corpo balsamos vapora.
Ah! não, não fes o Ceo, gentil Pastora,
Para gloria de Amor igual Thefouro.

Graças, Marilia bella,

Graças á minha Estrella!

Leve-me a fementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado:
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar huma rê, o nedeo gado.
Já destes bens, Marilia, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta,
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dê hum riso.

Graças, Marilia bella,

Graças á minha Estrella!

Hirás a divertír-te na floresta,
 Sustentada, Marilia, no meu braço;
 Aqui descançarei a quente fésta,
 Dormindo hum leve somno em teu regaço:
 Em quanto a luta jogão os Pastores,
 E emparelhados correm nas campinas,
 Teucarei teus cabellos de boninas,
 Nos troncos gravarei os teus louvores.
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Depois que nos ferir a mão da Morte
 Ou seja neste monte, ou n'outra ferra,
 Nossos corpos terão, terão a forte
 De consumir os dous a mesma terra.
 Na campa, rodeada de cyprestes,
 Lerão estas palavras os Pastores:
 „ Quem quizer ter feliz nos seus amores,
 „ Siga os exemplos, que nos derão estes „
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

LYRA II.

PINTÃO, Marilia, os Poetas
A hum menino vendado,
Com huma aljava de settas,
Arco empunhado na mão:
Lige ras azas nos hombros,
O tenro corpo despido;
E de Amor, ou de Cupido
São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marilia, nego,
Que assim seja Amor; pois elle
Nem he moço; nem he cego,
Nem settas, nem azas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Hum retrato ma's perfeito,
Que elle já ferio meu peito;
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeão,
São que os de Apollo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, hum composto
Da mais formosa união.

Tem redonda, e liza testa;
Arqueadas sobancelhas,
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são huns sóes.
Aqui vence Amor ao Ceo,
Que no dia luminoso
O Ceo tem hum Sol formoso,
E o travesso Amor tem dous.

Na sua face mimosa ,
Marilia , estão misturadas
Purpureas folhas de rosa ,
Branças folhas de jasmim,
Dos rubins mais preciosos
Os seus beijos são formados ;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito
Dei logo hum suspiro , e elle
Conheceo haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos , quando
Entendia eu não olhava :
Vendo que o via , baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso;
 Elle ouvindo os seus louvores
 Com hum modo desdenhoso,
 Se furrio, e não fallou.
 Pintei-lhe outra vez o estado,
 Em que estava esta alma posta;
 Não me deo tambem resposta,
 Constrangeo-se, e suspirou.

Conheço os signaes, e logo
 Animado da esperança,
 Busco dar hum desaffogo
 Ao cansado coração.
 Pégo em seus dedos nevados,
 E querendo dar-lhe hum beijo,
 Cubrio-se todo de pejo,
 E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo
 De Amor o lindo retrato,
 Comtigo estarás dizendo,
 Que he este o retrato teu.
 Sim, Marilia, a copia he tua;
 Que Cupido he Deos supposto:
 Se ha Cupido he só teu rosto,
 Que elle foi quem me venceo.



L Y R A III.

DE amar, minha Marilia, a formosura
 Não se pódem livrar humanos peitos.
 Adorão os Heróes, e os mesmos brutos
 Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
 Quem, Marilia, despreza huma belleza,
 A luz da razão precisa,
 E se tem discurso, pisa
 A Lei, que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove
 C Huma vez se mudou em chuva de ouro :
 S Outras vezes tomou as varias fórmas
 M De General de Thebas , velha , e touro.
 T O proprio Deos da Guerra deshumano
 E Não viveo de amor illeso ;
 F Quiz a Venus , e foi prêso
 I Na rede , que lhe armou o Deos Vulcano:

Se amar huma belleza se desculpa
 A Em quem ao proprio Ceo, e terra move ;
 A Qual he a minha gloria, pois igualo ,
 F Ou excedo no amor ao mesmo Jove?
 A Amou o Pai dos Deoses Soberano
 C Hum semblante peregrino:
 C Eu adoro o teu divino ,
 I O teu divino rosto , e sou humano.

L Y R A IV.

MARILIA, teus olhos
São réos, e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pezados
De injusto Senhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeo-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

A vista furtiva,
 O risco imperfeito;
 Fizeraõ a chaga,
 Que abriste no peito
 Mais funda, e maior.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te;
 Levava o teu gado
 A' fonte mais clara,
 A' vargem, e prado
 De relva melhor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade,
 Trazia nos ninhos
 As aves nascidas,
 Abrindo os biquinhos
 De fome ou temor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Se alguém te louvava

De gosto me enchia;

Mas sempre o ciúme

No rosto accendia

Hum vivo calor.

Marilia, escuta

Hum triste Pastor.

Se estavas alegre;

Dirceo se alegrava;

Se estavas sentida;

Dirceo suspirava

A' força da dor.

Marilia, escuta

Hum triste Pastor.

Fallando com Laura;

Marilia dizia;

Surria-se aquella,

E eu conhecia

O erro de amor.

Marilia, escuta

Hum triste Pastor.

B

Mo:

Movida , Marilia ,
De tanta ternura ,
Nos braços me dêste ,
Da tua fé pura
Hum doce penhor.

Marilia , escuta
Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura ;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.

Marilia , escuta
Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste ;
E a Olaia frondoza ,
Aonde escreveste
A jura horrorosa ,
Tem todo o vigor.

Marilia , escuta
Hum triste Pastor.

Mas eu te desculpo,
 Que o fado tyranno
 Te obriga a deixar-me;
 Pois busca o meu damno
 Da sorte, que for.
 Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.



LYRA V.

ACASO são estes
 Os sitios formosos,
 Aonde passava
 Os annos gostosos?
 São estes os prados,
 Aonde brincava,
 Em quanto passava
 O manço rebanho,
 Que Alceo me deixou?

São estes os sitios?
 São estes; mas eu
 O mesmo não fou.
 Marilia, tu chamas?
 Espera que eu vou.

Daquelle penhasco
 Hum rio cahia,
 Ao som do sussurro
 Que vezes dormia!
 Agora não cobrem
 Espumas nevadas
 As pedras quebradas:
 Parece que o rio
 O curso voltou.

São estes os sitios?
 São estes; mas eu
 O mesmo não fou.
 Marilia, tu chamas?
 Espera que eu vou.

Meus versos alegre

Aqui repetia:

O Eco as palavras

Tres vezes dizia,

Se chamo por elle

Já não me responde;

Parece se esconde,

Cansado de dar-me

Os ais que lhe dou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

Aqui hum regato

Corria sereno,

Por margens cobertas

De flores, e feno:

A' esquerda se erguia

Hum bosque fechado;

E o tempo apressado,

Que nada respeita,

Já tudo mudou.

São estes os sitios ?
 São estes ; mas eu
 O mesmo não sou.
 Marilia , tu chamas ?
 Espera que eu vou.

Mas como discorro ?

Acafo podia
 Já tudo mudar-se
 No espaço de hum dia ?
 Existem as fontes ,
 E os freixos copados ;
 Dão flores os prados ,
 E corre a cascata ,
 Que nunca seccou.

São estes os sitios ?
 São estes ; mas eu
 O mesmo não sou.
 Marilia , tu chamas ?
 Espera que eu vou.

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já fente
Amor, e saudade.
Os sitios formosos,
Que já me agradarão;
Ah! não se mudarão!
Mudarão-se os olhos,
De triste que estou.

São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera que eu vou.



L Y R A VI.

Oh! quanto póde em nós a varia Estrella!
 Que diversos que são os genios nossos!
 Qual solta a branca vélla,
 E affronta sobre o pinho os mares grossos.
 Qual cinge com a malha o peito duro;
 E marchando na frente das cohortes,
 Faz a toare voar, cahir o muro.

O fordido avarento em vão trabalha,
 Que possa o filho entrar no seu Theouro.
 Aqui fechado estende
 Sobre a taboa, que verga, as barras de ouro.
 Sacode o jogador do copo os dados;
 E n'uma noite só, que ao somno rouba,
 Perde o resto dos bens do pai herdados.

O que da voráz gulla o vicio adora
Da lauta meza os seus prazeres fia.

E o terno Alceste chora

Ao som dos versos a que o genio o guia,
O sábio Gallileo toma o compasso,
E som voar ao Ceo, calcula, e mede
Das Estrellas, e Sol o immenso espaço:

Em quanto pois, Marilia, a varia gente,
Se deixa conduzir do proprio gosto;

Passo as horas contente

Notando as graças do teu lindo rosto,
Sem canfar-me a saber se o Sol se móve,
Ou se a terra voltea; assim conheço
Aonde chega a mão do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos;
E noto as faces de Jasmims, e rosas:

Noto os teus olhos bellos;

Os brancos dentes, e as feições mimofas.
Quem fez huma obra tão perfeita, e linda,
Minha bella Marilia, tambem póde
Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.



LYRA VII.

Vou retratar a Marilia,
A Marilia meus amores;
Porém como se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores!
Dar-mas a terra não póde;
Não que a sua côr mimosa
Vence o lyrio, vence a rosa:
O jasmim, e as outras flores.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traz-me as tintas do Ceo.

Mas não se esmoreça logo ;
Busquemos hum pouco mais ;
Nos mares talvez se encontrem
Cores que sejam iguaes.
Porém não , que em paralelo
Da minha Nynfa adorada
Perolas não valem nada ,
Não valem nada os coraes.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu !
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traz-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar se pôdem
Taes bellezas , como aquellas ,
Que Marilia tem nos olhos ,
E que tem nas faces bellas.
Mas ás faces graciosas ,
Aos negros olhos , que matão ;
Não imitão , não retratão
Nem Auroras, nem Estrellas.

Ah foccorre, Amor, foccorre-
 Ao mais grato empenho meu!
 Vôa sobre os Astros, vôa,
 Traz-me as tintas do Ceo.

Entremos, Amor, entremos,
 Entremos na mesma Esfera.
 Venha Pallas, venha Juno,
 Venha a Deosa de Cithera.
 Porém não, que se Marília
 No certame antigo entrasse,
 Bem que a Paris não peitasse,
 A todas as tres vencera.

Vai-te, Amor, em vão foccorres
 Ao mais grato empenho meu:
 Para formar-lhe o retrato
 Não bastão tintas do Ceo.



L Y R A VIII.

MARILIA, de que te queixas?

De que te roube Dirceo

O sincero coração?

Não te dêo também o feu?

E tu, Marilia, primeiro

Não lhe lançáste o grilhão?

Todos amão: só Marilia

Desta Lei da Natureza

Queria ter izenção?

Em torno das castas pombas

Não rulão ternos pombinhos?

E rulão, Marilia, em vão?

Não se afagão c'os biquinhos?

E a provas de mais ternura

Não os arrasta a paixão?

Todos amão: só Marilia

Desta Lei da Natureza

Queria ter izenção?

Já viste , minha Marilia ,
 Avezinhas , que não fação
 Os seus ninhos no verão ?
 Aquellas com quem se enlaçãõ
 Não vão cantar-lhes defronte
 Do molle pouzo em que estão ?
 Todos amão : só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Queria ter izençãõ ?

Se os peixes , Marilia , gerãõ
 Nos bravos mares , e rios ,
 Tudo effeitos de Amor são.
 Amão os brutos impios ,
 A serpente venenosa ,
 A Onça , o Tigre , o Leão.
 Todos amão : só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Queria ter izençãõ ?

As grandes Deosas do Ceo,
Sentem a setta tyranna
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Dianá,
Não se abraça, não suspira
Pelo amor de Endymião?

Todos amão: só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter izenção?

Desiste, Marilia bella,
De huma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chamma he inspirada
Pelo Ceo; pois nella assenta
A nossa conservação.

Todos amão: só Marilia
Desta Lei da Natureza
Não deve ter izenção.



L Y R A IX.

Eu sou, gentil Marilia, eu sou captivo,
 Porém não me venceo a mão armada
 De ferro, e de furor:
 Huma alma sobre todas elevada
 Não cede a outra força que não seja
 A' tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora
 Cadêas nas bigornas trabalhadas
 Com pezados martellos:
 Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
 Com duros ferros não, com fios d'ouro,
 Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
Cupido a tudo faz tyranna guerra :

Sacode a fétta ardente ;

E sendo despedida cá da terra ,

As nuvens rompe , chega ao alto Im pirio ,

E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas

Tirão , Marilia , os succos saborosos

Das orvalhadas flores :

Pendentes dos teus beijos graciosos

Ambrosias chupão , chupão mil feitiços

Nunca fartos Amores.

O vento quando parte em largas fitas

As folhas , que menêa com brandura ;

A fonte crySTALLINA ,

Que sobre as pedras cáe de immensa altura ;

Não forma hum som tão doce , como forma

A tua vóz divina.

Em torno dos teus peitos , que palpitão ,
Exalão mil suspiros desvelados .

Enchames de desejos ;

Se encontram os teus olhos descuidados ,

Por mais que se atropelem , voão , chegam ,

E dão furtivos beijos .

O Cisne , quando corta o manso lago ,
Erguendo as brancas azas , e o pescoço ;

A Náo que ao longe passa ,

Quando o vento lhe infuna o pano grosso ,

O teu garbo não tem , minha Marilia ,

Não tem a tua graça .

Estimem pois os mais a liberdade :

Eu prézo o captiveiro : sim , nem chamo

A' mão de Amor impia :

Honro a virtude , e os teus dotes amo :

Tambem o grande Achilles veste a saia ,

Tambem Alcides fia .

LYRA X.

SE existe hum peito,

Que izento viva

Da chamma activa,

Que accende Amor.

Ah! não habite

Neste montado;

Fuja apressado

Do vil traidor.

Corra, que o Impio

Aqui se esconde:

Não sei aonde;

Mas sei que o vi.

Tráz novas fétas,

Arco robusto;

Tremi de fusto,

Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortaes,
Quantos signaes
O Impio tem.

Oh ! como he justo,
Que todo o humano
Hum tal tyranno
Conheça bem !

No corpo ainda
Menino existe :
Mas quem resiste
Ao braço feu ?

Ao negro Inferno
Levou a guerra :
Vencêo a terra ,
Vencêo o Ceo.

Já mais se cobrem
Seus membros bellos;
E os seus cabellos
Que lindos são!
Vendados olhos,
Que tudo alcanção,
E já mais lanção
A setta em vão.

As suas faces
São cor da neve;
E a bocca breve
Só rizos tem.
Mas, ah! respira
Negros venenos,
Que nem ao menos
Os olhos vem.

Aljáva grande
 Dependurada,
 Sempre atacada
 De bons farpões.

Fere com estas
 Agudas lanças,
 Pombinhas manfás,
 Bravos leões.

Se a setta falta
 Tem outra prompta,
 Que a dura ponta
 Já mais torcêo.

Ninguem resiste
 Aos golpes della:
 Marilia bella
 Foi quem lha déo.

Ah ! não sustente
 Dura peleija ,
 O que deseja
 Ser vencedor.

Fuja , e não olhe ,
 Que só fugindo
 De hum rosto lindo ,
 Se vence Amor.



L Y R A XI.

Não toques, minha Musa, não, não toques
 Na sonora Lyra ,
 Que ás almas , como a minha , namoradas
 Doces Canções inspira :
 Assopra no clarim , que apenas sôa
 Enche de assombro a terra ;
 Naquelle , a cujo som cantou Homero ,
 Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior ;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que forma
Cupido o seu thesouro :
Vivos olhos, e faces côm da neve,
Com crespos fios de ouro ;
Meus olhos só vem gramas, e loureiros ;
Vem carvalhos, e palmas ;
Vem os ramos honrosos, que delinguem
As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior ;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe, que já no berço
As Serpes despedaça ;

Que fere os Cácos, que destronca as Hidras ;
Mais os leões que abraça.

Cantemos, se isto he pouco, a dura guerra
dos Tritões, e Tyféos,

Que arrancão as montanhas, e atrevidos
Levão armas aos Ceos.

Busquemos, ó Musa,

Empreza maior ;

Deixemos as ternas

Fadigas de Amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento ;

Que a vóz tambem levanto ;

Porém tu déste muito affima o ponto ;

Dirceo não póde tanto :

Abaixa, minha Musa, o tom, que ergueste ;

Eu já, eu já te figo.

Mas, ah ! vou a dizer *Heróe*, e *Guerra*,

E só *Marilia* digo.

Deixemos , ó Musa ,
 Empreza maior ,
 Só posso seguir-te
 Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim , agora
 Meu canto já se afina ;
 E a humana voz , parece que ao som dellas
 Se fáz tambem divina.
 O mesmo que cercou de muro a Thebas
 Não canta assim tão terno ;
 Nem póde competir commigo aquelle ,
 Que desce ao negro Inferno.

Deixemos , ó Musa ,
 Empreza maior ;
 Só posso seguir-te
 Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves
 Mostrão signaes de espanto,
 Erguem os collos, voltão as cabeças,
 Parão o ledo canto;
 Move-se o tronco, o vento se suspende,
 Pafma o gado, e não come:
 Quanto pôdem meus versos! Quanto pôde
 Só de *Marilia* o nome!

Deixemos, ó Musa,
 Empreza maior;
 Só posso seguir-te
 Cantando de Amor.

◆ ————— ◆

L Y R A XII

TOPEI hum dia
 Ao Deos vendado,
 Que descuidado
 Não tinha as settas
 Na impia mão.

Mal o conheço,
 Me sóbe logo
 Ao rosto o fogo,
 Que a raiva accende
 No coração.

Morre, tyranno;
Morre, inimigo!
 Mal isto digo,
 Raivoso o apérto
 Nos braços meus.

Tanto que o moço
 Sente apertar-se,
 Para salvar-se
 Tambem me aperta
 Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto ;
Ah ! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão !

Poude suster-se

A vêz primeira ;
Mas á terceira
Nos pés , que alarga ,
Se firma em vão.

Mal o derrubo ,
Ferro aguçado
No já cançado
Peito , que arqueja ;
Mil golpes dêo.

Suou seu corpo ;
Tremêo gemendo ;
E a côr perdendo ,
Batêo as azas ;
Em fim morrêo.

Qual

Qual bravo Alcides,
 Que a hirsuta pelle
 Vestio daquelle
 Grenhoso bruto,
 A quem matou.

Para que prove
 A empreza honrada,
 C'o a mão manchada
 Recolho as settas,
 Que me deixou.

Ouvio Marilia
 Que Amor gritava,
 E como estava
 Vizinha ao sitio
 Valler-lhe vem.

Mas quando chega
 Espavorida,
 Nem já de vida
 O féro monstro
 Indicio tem.

Então Marilia ,
Que o vê de perto
De pó cuberto,
E todo em volto
No fangue seu ;
As mãos aperta
No peito brando ,
E afflicta dando
Hum ai , os olhos
Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle
Compadecida ;
Lava a ferida
C'o pranto amargo ,
Que derramou.

Então o monstro
Dando hum suspiro ,
Fazendo hum gyro
C'o a baça vista ,
Reffuscitou.

Respira a Deosa ;
 E vem o gosto
 Fazer no rosto
 O mesmo effeito ,
 Que fêz a dôr.

Que louca idéã
 Foi a que tive !
 Em quanto vive
 Marilia bella ,
 Não morre Amor.



L Y R A XIII.

Oh ! quantos riscos ,
 Marilia bella ,
 Não atropella
 Quem cego arrasta
 Grilhões de Amor !

Hum peito forte ;
 De acordo salto ,
 Zomba do assalto
 Do yil traidor.

O amante de Hero.

Da luz guiado ,
C'o peito oufado ,
Na escura noite
Rompiu o mar.

Se o Helesponto

Se encapelava ,
Ah ! não deixava
De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio

A heroicidade ,
Esta verdade ,
Minha Marilia ,
Próva tambem.

Cheio de esforço

Vai ao Cocito ,
Buscar afflito
Seu doce bem.

Que acção tão grande
Nunca intentada !
Ao pé da entrada
Já tudo affusta
O coração !

Pendentes rochas ,
Campos adustos ,
Que nem arbustos ,
Nem hervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte ,
Corre Acheronte ,
Rio de ardente
Mortal licor.

Tem o barqueiro
Testa enrugada ,
Vista inflammada ,
Que mete horrot.

Que seguranças!
Que fechaduras!
As portas duras
Não são de lenhos;
De ferro são.

Por tres gargantas,
Quando alguém bate,
Raivoso late
O negro cão.

Dentro da cova
Soão lamentos;
E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz!

Minos a pena
Manda, se intime
Igual ao crime,
Que ali conduz.

Grande penedo
Este carrega ;
E apenas chega
Do monte ao cume,
O faz rolar.

A pedra sempre
Ao valle desce ,
Sem que elle cesse
De a ir buscar.

Nas limpas aguas
Habita aquelle :
Por cima delle
Verdejão ramos ,
Que pomos dão.

De balde a bocca
Molhar pertende ;
De balde estende
Faminta mão.

Tem outro o peito
 Despedaçado ;
 Monstro esfaimado
 Já mais defcança
 De lho roêr.

A roxa carne ;
 Que abutre come ,
 Não se consome ,
 Torna a crescer.

Mas bem que tudo
 Pavor inspira ,
 Tocando a lyra
 Desce ao Averno
 O bom Cantor.

Não se entorpece
 A lingua , e braço ;
 Não teme o passo ,
 Não perde a côr.

Ah ! tambem quanto
 Dirceo obrára ,
 Se precizára ,
 Marilia bella ,
 Do esforço feu !

Rompera os mares
 C'o peito terno ,
 Fôra ao Inferno ,
 Subira ao Ceo.

Aos dois amantes ,
 De Thracia , e Abydo ,
 Não dêo Cupido
 Do que aos mais todos
 Maior vallor.

Por seus vassallos
 Forças reparte ,
 Como lhes parte-
 Os grãos de Amor.

◆————◆

L Y R A XIV.

MINHA bella Marilia, tudo passa;
 A forte deste mundo he mal segura;
 Se vem depois dos males a ventura,
 Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deoses
 Sugeitos ao poder do impio Fado:
 Apollo já fugio do Ceo brilhante,
 Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
 Acaba de roubar o bem que temos;
 Até na triste campa não podemos
 Zombar do braço da inconstante sorte.

Qual fica no Sepulcro,
 Que seus avós erguerão, descaçado:
 Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos
 Ferro do torto arado.

Ah!

Ah! em quanto os Destinos impiedosos
Não voltão contra nós a face irada,
Façamos, sim façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditozos.

Hum coração que frouxo
A grata posse de seu bem differe,
A si, Marilia, a si proprio rouba,
E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores;
E façamos de feno hum brando leito;
Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possão deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Tambem, Marilia, morre.

Com os annos , Marilia , o gosto falta ;
E se entorpece o corpo já cançado ;
Triste o velho cordeiro está deitado ,
E o leve filho sempre alegre falta.

A mesma formosura

He dote que só goza a mocidade :
Rugão-se as faces , o cabello alvêja ,
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar , Marilia bella ?
Que vão passando os florecentes dias ?
As glorias , que vem tarde , já vem frias ;
E pôde em fim mudar-se a nossa estrella.

Ah ! não , minha Marilia ,
Aproveite-se o tempo , antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças ,
E ao semblante a graça.



L Y R A X V .

A MINHA bella Marilia
 Tem de feu hum bom thesouro
 Não he, doce Alceo, formado
 Do buscado

Metal louro.

He feito de huns alvos dentes:
 He feito de huns olhos bellos;
 De humas faces graciosas,
 De crespos, finos cabellos;
 E de outras graças maiores;
 Que a natureza lhe dêo:
 Bens que valem sobre a terra,
 E que tem valor no Ceo.

Eu posso romper os montes
Dar ás correntes desvios;
Pôr cercados espaçozos
Nos caudozos
Turvos rios.
Posso emendar a ventura
Ganhando altuto a riqueza;
Mas, ah! caro Alceo, quem póde
Ganhar huma só belleza
Das bellezas, que Marília
No seu thesouro mettêo?
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Da sorte que vive o rico
Entre o fausto alegremente,
Vive o guardador de gado
Apoucado,
Mas contente.

Beije pois torpe avarento
As arcas de barras chêas;
Eu não beijo os vis thesouros;
Beijo as douradas cadêas;
Beijo as fettas, beijo as armas
Com que o cego Amor vencêo:
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Ama Apollo, o fero Marte;
Ama, Alceo, o mesmo Jove:
Não he não a vã riqueza,
Sim belleza
Quem os move.

Posto ao lado de Marilia
Mais que mortal me contemplo:
Deixo os bens que aos homens cegão,
Sigo dos Deoses o exemplo:
Amo virtudes, e dotes;
Amo em fim, prezado Alceo,
Bens que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.



L Y R A XVI.

Eu, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada
 Pastora formosa,
 Pastora engraçada-
Vejo a sua côr de rosa,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpureos beiços,
Vejo o peito crystalino;
Nem ha cousa que assemelhe
Ao crespo cabello louro.
Ah! que a tua Eulina valle,
Valle hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito
A' lorangeira copada,
 Estando de flores,
 E frutos ornada.

He;

He, Glauceste, os teus Amores;
E nem por outra Pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,
O meu Glauceste cançara
As divinas cordas de ouro.
Ah! que a tua Eulina, valle,
Valle hum immenso thesouro!

Sim, Eulina he huma Deosa;
Mas anima a formosura
De huma alma de fera,
Ou inda mais dura.

Ah! quando Alceo pondéra
Que o feu Glauceste fúspira,
Perde, perde o sofrimento,
E qual enfermo delira!
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro,
A tua Eulina não valle.
Não valle immenso thesouro.

O fuzil, que imita a cobra;
Tambem aos olhos he bello;

Mas quando alumêa

Tu tremes de vélo.

Que importa se mostre chéa

De mil bellezas a ingrata?

Não se julga formosura

A formosura que mata.

Evita, Glauceste, evita

O teu estrago, e desdouro.

A tua Eulina não valle,

Não valle immenso thesouro.

A minha Marilia quanto

A' natureza não deve!

Tem divino rosto,

E tem mãos de neve.

Se mostro na face o gosto,
 Ri-se Marilia contente:
 Se canto, canta comigo;
 E apenas trille me fente,
 Limpa os olhos com as tranças
 Do fino cabello louro.
 A minha Marilia valle,
 Valle hum immenso thesouro.



L Y R A XVII.

MINHA Marilia
 Tu enfadada?
 Que mão ousada
 Perturbar póde
 A paz sagrada
 Do peito teu?

Porém que muito
Que irado esteja
O teu semblante ,
Tambem troveja
O claro Ceo.

Eu fei , Marilia ;
Que outra Pastora
A toda a hora ,
Em toda a parte ;
Cega namora
Ao teu Pastor.

Ha sempre fumo
Aonde ha fogo ;
Assim , Marilia ,
Ha zelos logo ,
Que existe amor.

Olha , Marilia ,
Na fonte pura
A tua alvura ,
A tua bocca ,
E a compostura
Das mais feições.

Quem tem teu rosto ,
Ah ! não receia ,
Que terno amante
Solte a cadeia ,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas
No feu cabelo ,
Sem pelles finas
No feu jubão.

Porém que importa?

O rico accio

Não dá, Marília,

Ao rosto feio

A perfeição.



LYRA XVIII.

Não ves aquelle velho respeitavel,
 Que á moleta encostado,
 Apenas mal se move, e mal se arrasta?
 Oh quanto estrago não lhe fez o tempo?
 O tempo arrebatado,
 Que o mesmo bronze gasta.

Enrugarão-se as faces, e perderão
 Seus olhos a viveza;
 Voltou-se o seu cabello em branca neve:
 Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo;
 Nem tem huma belleza
 Das bellezas que teve.

Assim tambem ferei , minha Marilia
 Daqui a poucos annos ;
 Que o ímpio tempo para todos corre.
 Os dentes cahirão , e os meus cabellos.
 Ah ! sentirei os damnos ,
 Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice
 Muito menos penoza.
 Não trarei a moleta carregada :
 Descançarei o já vergado corpo
 Na tua mão piedosa ,
 Na tua mão nevada.

As frias tardes em que negra nuvem
 Os chuveiros não lance ,
 Irei contigo ao prado florescente :
 Aqui me buscarás hum sitio ameno ,
 Onde os membros descance ,
 E ao brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo

Os olhos por aquella

Vistoza parte, que ficar fronteira;

Apontando direi: *Ali fallámos,*

Ali, ó minha bella,

Te vi a vèz primeira.

Verteráõ os meus olhos duas fontes,

Nascidas de alegria:

Farão teus olhos ternos outro tanto:

Então darei, Marilia, frios beijos,

Na mão formosa, e pia,

Que me limpar o pranto.

Affim irá, Marilia, docemente

Meu corpo suportando

Do tempo deshumano a dura guerra.

Contente morrerei, por ser Marilia

Quem sentida chorando,

Meus baços olhos cerra.



L Y R A XIX.

EM quanto pasta alegre o manfo gado,
 Minha bella Marilia, nos sentemos
 A' sombra deste cedro levantado.

Hum pouco meditemos
 Na regular belleza,
 Que em tudo quanto vive, nos descobre
 A fabia Natureza.

Attende, como aquella vaca preta
 O novelhinho feu dos mais separa,
 E o lambe, em quanto chupa a liza teta.

Attende mais, ó chara,
 Como a ruiva cadella
 Suporta que lhe morda o filho o corpo,
 E salte em cima della.

Repara, como cheia de ternura
Entre as azas ao filho essa ave aqueita :
Como aquella esgravata a terra dura ,
E os seus assim sustenta ;
Como se encoleriza ,
E salta sem receio a todo o vulto ,
Que junto delles piza.

Que gosto não terá a esposa amante
Quando der ao filhinho o peito brando,
E reflectir então no seu semblante !

Quando, Marilia, quando
Disser comigo: *he esta*
De teu querido pai a mesma barba,
A mesma bocca, e testa.

Que gosto não terá a mãe, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho
Nas faces graciosas, e na bocca

Do innocente filhinho !
Quando, Marilia bella,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la !

Que

Que prazer não terão os pais ao verem
 Com as mãos hum dos filhos abraçados;
 Jogar outros a luta, outros correrem
 Nos cordeiros montados!
 Que estado de ventura!
 Que até naquillo, que de pezo serve,
 Inspira Amor doçura.



LYRA XX.

EM huma frondosa
 Roseira se abria
 Hum negro botão.
 Marilia adorada
 O pé lhe torcia
 Com a branca mão.

Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondêo.
Tocou-lhe Marilia,
Na mão descuidada
A fera mordêo.

Apenas lhe morde,
Marilia gritando,
C'o dedo fugio.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura,
E o sangue espargido;
Que a Deosa mostrou;
Risonho beijando
O dedo offendido,
Assim lhe fallou.

*Se tu por tão pouco
 O pranto desatas,
 Ah! dá-me attenção;
 E como daquelle,
 Que feres, e matas,
 Não tens compaixão?*



L Y R A XXI.

Não fei, Marilia, que tenho,
 Depois que vi o teu rosto;
 Pois quanto não he Marilia,
 Já não posso ver com gosto.

Noutra idade me alegrava,
 Até quando conversava
 Com o mais rude vaqueiro:
 Hoje, ô bella, me aborrece
 Inda o trato lizongeiro
 Do mais discreto pastor.
 Que effeitos são os que sinto!
 Serão effeitos de Amor?

Sáio da minha cabana
Sem reparar no que faço ;
Busco o sitio aonde moras ,
Suspendo defronte o passo.

Fito os olhos na janella ,
Aonde, Marilia bella ,
Tu chegas ao fim do dia ;
Se alguém passa , e te faúda ,
Bem que seja cortezia ,
Se accende na face a côr.
Que effeitos são os que sinto !
Serão effeitos de **A**mor ?

Se estou , Marilia , contigo ,
Não tenho hum leve cuidado ;
Nem me lembra , se são horas
De levar á fonte o gado.

Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante,
Finge hum dia' o meu desgosto:
Já mais, Pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que effeitos são os que sinto!
Serão effeitos de Amor?

Ando já com o juizo,
Marilia, tão perturbado,
Que no mesmo aberto fulco
Metto de novo o arado.

Aqui no centêo pégo,
Noutra parte em vão o cego:
Se alguém commigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
Noutra coiza tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que effeitos são os que sinto!
Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro
 Só Marilia me desvella :
 Enche-se o peito de magoa ,
 E não fei a causa della.

Mal durmo, Marilia, sonho ;
 Que fero leão medõho
 Te devora nos meus braços :
 Gella-se o fangue nas veias.
 E sólto do somno os laços
 A' força da immensa dor.
 Ah ! que os effeitos que sinto
 Só são effeitos de Amor.



L Y R A XXII.

Muito embora, Marilia, muito embora
 Outra belleza, que não seja a tua,
 Com a vermelha roda, a feis puxada
 Faça tremer a rua.

As paredes da falla aonde habita
Adorne a seda, e o tremó dourado,
Pendão largas cortinas, penda o lustre
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás Palacios grandes,
Nem andarás nos coches voadores;
Porém terás hum Vate, que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;
E da palida morte a mão tyranna
Arraza os edificios dos Augustos,
E arraza a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florecerão
De quem nem se quer temos a memoria!
Só pódem conservar hum nome eterno
Os versos, ou a historia.

Senão houvesse Tasso, nem Petrarcha ,
 Por mais que qualquer dellas fosse linda ,
 Já não sabia o mundo, se existirão
 Nem Laura, nem Clorinda.

He melhor, minha bella, ser lembrada
 Por quantos hão de vir sabios humanos,
 Que ter urcos, ter coches, e thesouros,
 Que morrem com os annos.



L Y R A XXIII.

NUM sitio ameno
 Cheio de rosas,
 De brancos lyrios,
 Murtas viçozas ;

Dos seus amores
 Na companhia
 Dirceo passava
 Alegre o dia.

Em tom de graça,
Ao terno amante
Manda Marilia
Que toque, e cante.

Pega na lyra,
Sem que a tempere,
A voz levanta,
E as cordas fere.

C'os doces pontos
A mão atina,
E a voz iguala
A voz divina.

Ella, que teve
De rir-se a idéa,
Nem move os olhos
De assombro chéa,

Então Cupido
Apparecendo,
A' bella falla
Assm dizendo:

*Do teu amado
A lyra fias,
Só porque delle
Zombando rias?*

*Quando n'um peito
Assento faço,
Do peito subo
A' lingoa, e braço.*

*Nem creias que outro
Estyllo tome,
Sendo eu o mestre,
A acção teu nome.*



L Y R A XXIV.

ENCHEO, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie

As terras, mais os ares,

O grande espaço dos salobres rios,

Dos negros, fundos mares.

Para sua deffeza,

A todos dêo as armas, que convinha,

A' sabia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros;

Dêo ao peixe escamoso as barbatanas:

Dêo veneno á serpente,

Ao membrudo Elefante a enorme tromba,

E ao Javali o dente.

Coube ao leão a garra:

Com leve pé saltando o fervo foge;

E o bravo touro marra.

Ao homem dêo as armas do discurso
Que valem muito mais que as outras armas:
Dêo-lhe dedos ligeiros,
Que pôdem converter em seu serviço
Os ferros, e os madeiros;
Que tecem fortes laços,
E forjão raios com que aos brutos cortão
Os voos, mais os passos.

A's timidas donzellas pertencerão
Outras armas, que tem dobrada força:
Dêo-lhes a Natureza
Além do entendimento, além dos braços
As armas da belleza.
Só ella ao Ceo se atreve;
Só ella mudar pôde o gello em fogo;
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo fer a formosura
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto
Quem pôz em campo armada
Toda a força de Grecia.
E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,
Só foi, só foi Lucrecia.

Se pódem lindos rostos, mal suspirão,
O braço defarmar do mesmo Achilles;
Se estes rostos irados
Pódem soprar o fogo da discórdia
Em povos aliados;
Es arbitra da terra;
Tu podes dar, Marilia, a todo o mundo
A páz, e a dura guerra.

◆————◆
L Y R A XXV.

O CEGO Cupido hum dia
Com os seus Genios fallava,
Do modo que lhe restava
De captivar a Dirceo.

Depois de larga disputa,
Hum dos Genios mais sagazes
Este conselho lhe deo:

As settas mais aguçadas,
Como se em róxa batessem,
Dão nos seus peitos, e descem
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marilia
Pódem vencer hum tão duro,
Tão izento coração,

A fortuna desta empreza
Consiste em armar-se o laço,
Sem que finta fer o braço,
Que lho prepara, de Amor.

Que elle vive como as aves,
Que já deixarão as pennas
No visco do Caçador.

Na força deste conselho
O raivozo Deos focega,
E á tropa á honra entrega
De o fazer executar.

Todos pertendem ganhá-la,
Batem as azas ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultarão
Da Deosa nos olhos bellos:
Qual se enlaçou nos cabellos,
Qual ás faces se prendêo.

Hum amorinho cansado
Cahio dos lábios ao feio,
E nos peitos se escondeo.

Outro Genio mais astuto
Este novo ardil alcança,
Muda-se n'uma criança
De divino parecer.

Esconde as azas, e a venda;
Esconde as settas, e quanto
Póde dá-lo a conhecer.

Ella que vê hum menino
Todo de graças cuberto,
Tão rizonho, e tão esperto
Ali sózinho brincar.

A elle endireita os passos ;
Finge Amor ter medo, e a Deosa
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando ;
Elle fugia, e chorava :
Assim forão onde estava
O descuidado Pastor.

Este, mal vio a belleza,
E o gentll menino, entende
A malicia do traidor,

Põe as mãos sobre os ouvidos ,
Cerra os olhos , e constante
Não quer ver o seu semblante ,
Não o quer ouvir fallar.

Qual Ulyffes noutra idade
Para illudir as Seréas
Mandou tambores tocar.

Cupido , que a empreza via ,
Julga o intento frustrado ,
E de raiva trasportado
O corpo no chão lançou.

Traçou a lingoa nos dentes ;
Mettêo as unhas no rosto ,
E os cabellos arrancou.

O Genio , que se escondia
Entre os peitos da Pastora ,
Erguêo a cabeça fóra ,
E o successo conhecêo.

Deixa o focego em que estava ,
E vai ligeiro metter-se
No peito do bom Dirceo.

Apenas c'o brando peito
Lhe tocou a neve fria ,
Com o calor que trazia
Lhe abrazou o coração.

Dá o Pastor hum suspiro ,
Abre os seus olhos , e sólta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios
Ao triste Pastor disposto,
Para vêr o lindo rosto,
Para as palavras ouvir.

Cada hum as armas toma,
Cada hum com ellas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa
Lhe fórma hum Cupido laços,
Que lhe segurão os braços,
Como se fossem grilhões.

O Pastor já não resiste;
Antes beija satisfeito
As suas doces prizões.

◆ ————— ◆
L Y R A XXVI.

O DE'STRO Cupido hum dia
 Extrahio mimofas cores
 De frescos lyrios, e rofas,
 De jasmims, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas
 Usa de huma, e de outra tinta,
 E nos angulos do cobre
A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos
 No seu lizo centro escreve
 Hum leteiro, que pergunta:
Este espaço a quem se deve?

Venus, que vio a pintura,
 E lêo a letra engenhosa,
 Pôz por baixo: *Eu delle cedo;*
Dê-se a Marilia formosa.



L Y R A XXVII.

ALEXANDRE, Marilia, qual o rio
Que engrossando no Inverno tudo arraza,
Na frente das cohortes
Cerca, vence, abraza
As Cidades mais fortes.
Foi na gloria das armas o primeiro,
Morrêo na flor dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom Soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata,
Foi, Marilia, sómente
Hum ditozo pirata,
Hum salteador valente.
Se não tem huma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vòã,
A' sua mesma Patria a fé quebranta;
Na mão a espada toma,
Oprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.

Confegue ser heroe por hum delicto;
Se acafo não vencesse então seria
Hum vil traidor proscripto.

O ser heroe, Marilia, não consiste
Em queimar os Imperios: move a guerra,
Espalha o fangue humano,
E despovoa a terra
Tambem o máo tyranno.
Consiste o ser heróe em viver justo:
E tanto póde ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu he que fou heróe , Marilia bella ,
 Seguindo da virtude a honroza estrada.

Ganhei , ganhei hum throno.

Ah ! não manchei a espada ,

Não a roubei ao dono.

Ergui-o no teu peito , e nos teus braços :

E valem muito mais qué o mundo inteiro

Huns tão ditozos laços.

Aos barbaros , injustos vencedores
 Atormentão remorfos , e cuidados ;

Nem descançaõ seguros

Nos Palacios cercados

De tropa , e de altos muros.

E a quantos nos não mostra a sabia historia

A quem mudou o fado em negro opprobrio

A mal ganhada gloria ?

Eu vivo , minha bella , fim , eu vivo
 Nos braços do descanso, e mais do gosto:
 Quando estou acordado ,
 Contemplo no teu rosto
 De graças adornado ;
 Se durmo logo fonho , e ali te vejo.
 Ah ! nem desperto , nem dormindo sóbe
 A mais o meu desejo.



L Y R A XXVIII.

CUPIDO tirando
 Dos hombros a aljava,
 N'um campo de flores
 Contente brincava.

E o corpo tenrinho
 Depois enfadado ,
 Incauto reclina
 a relva do prado.

Marilia formosa,
Que ao Deos conhecia,
Occulta espreitava
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme
Se chega contente,
As armas lhe furta,
E o Deos a não sente.

Os Faunos mal virão
As armas roubadas,
Sahirão das grutas
Soltando rizadas.

Acorda Cupido,
E a causa sabendo,
A quantos o insultão
Responde dizendo:

*Temeis as Jettas
 Nas minhas mãos cruas?
 Vereis o que pôdem
 Agora nas suas.*



L Y R A XXIX.

O TYRANNO Amor risonho
 Me apparece, e me convida
 Para que seu jugo aceite;
 E quer, que eu passe em deleite
 O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte
 (Astuto o moço dizia)
 Já perto da morte estava,
 Inda de amores cantava;
 Por isso alegre vivia.*

Aos negros, duros pezares
 Não resiste hum peito fraco,
 Se Amor o não fortalece:
 O mesmo Jove carece
 De Cupido, e mais de Baccbo.

Eu lhe respondo: Perjuro,
 Nada creio do que dizes!
 Porque já te fui sujeito,
 Inda conservo no peito
 Estas frescas cicatrizes.

Amor, vendo que da offerta
 Algum apreço faço,
 Me diz affeito, que trate
 De ir com elle a combate
 Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas
 Cinjo primeiro que tudo
 O brilhante arnêz, e á praça
 Ponho hum elmo na cabeça;
 Tomo a lança, e o grosso escudo.

Mal no Campo me apresento
 Marilia (ó Ceos!) me apparece
 Logo que os olhos me fita,
 O meu coração palpita,
 A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno:
Confessa louco o teu erro;
Contra' as armas da belleza
Não valle a externa deffeza
Dessa armadura de ferro.



L Y R A XXX.

JUNTO a huma clara fonte
 A mãe de Amor se sentou:
 Encostou na mão o rosto,
 No leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,
 Contento ao lugar corrêo;
 Cuidando que era Marilia,
 Na face hum beijo lhe dêo.

Acorda Venus irada:
 Amor a conhece: e então
 Da ouzadia, que teve,
 Assim lhe pede o perdão:

*Foi facil, ó mãe formosa,
 Foi facil, o engano meu;
 Que o semblante de Marilia
 He todo o semblante teu.*



L Y R A XXXI.

MINHA Marilia,
Se tens belleza,
Da Natureza
He hum favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
He só por graça
Do Deos de amor,
Que terno inflamma
A mente, o peito
Do teu Pastor.

Em vão se virão
 Perlas mimosas,
 Jasmims, e rosas
 No rosto teu.
 Em vão terias
 Essas estrellas,
 E as tranças bellas
 Que o Ceo te dêo;
 Se em doce verso
 Não as cantasse
 O bom Dirceo.

O que se virão
 Perlas mimosas,
 Jasmims, e rosas
 No rosto teu.
 Em vão terias
 Essas estrellas,
 E as tranças bellas
 Que o Ceo te dêo;
 Se em doce verso
 Não as cantasse
 O bom Dirceo.

O voráz tempo
Ligeiro corre :
Com elle morre
A perfeição.
Essa que o Egypto
Sábia modera,
De Marco impera
No coração ;
Mas já Octavio
Não sente a força
Do seu grilhão.

Ah! vem, ó bella,
E o teu querido,
Ao Deos Cupido
Louvores dar!
Pois fáz que todos
Com igual forte
Do tempo, e morte
Pofsão zombar;
Tú por formosa,
E elle, Marilia,
Por te cantar.

Mas ai! Marilia,
Que de hum amante,
Por mais que cante,
Gloria não vem!
Amor se pinta
Menino, e cego:
No doce emprego
Do charo bem
Não vê defeitos,
E aumenta, quantas
Bellezas tem.

Nenhum dos Vates,
 Em teu conceito,
 Nutrio no peito
 Nescia paixão?
 Todas aquellas,
 Que vês cantadas,
 Forão dotadas
 De perfeição?
 Forão queridas;
 Porém formosas
 Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceo ?
Tu tens, Marilia,
Cantor celleste;
O meu Glauceste
A voz ergueo;
Irá teu nome
Aos fins da Terra,
E ao mesmo Ceo.

Ah! não se manche
 Teu brando peito
 Do vil deffeito
 Da ingratição:
 Os verfos beija,
 Gentil Pastora,
 A penna adora,
 Respeita a mão,
 A mão discreta,
 Que te segura
 A duração.

◆ ————— ◆
 LYRA XXXII.

NUMA noite socegado
 Velhos papeis revolvia,
 E por ver de que tratavão
 Hum por hum a todos lia.

Erão copias emendadas
 De quantos versos melhores,
 Eu compuz na tenra idade
 A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
 Contra a ventura formadas,
 Leio excessos mal acceitos,
 Doces promessas quebradas.

Vendo fôrças tamanhas
 Eu exclamo transportado:
Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Junto pois n'hum grande monte
 Os soltos papéis , e logo ,
 Porque reliquias não fiquem ,
 Os intento pôr no fogo .

Então vejo , que o Deos cego ,
 Com semblante carregado ,
 Assim me falla , e crimina
 O meu intento acertado .

Queres queimar esses versos ?
 Dize , Pastor atrevido ,
 Essas Lyras não te forão
 Inspiradas por Cúvido ?

Achas , que de taes amores
 Não deve existir memoria ?
 Sepultando esses triunfos ,
 Não roubas a minha gloria ?

Disse Amor; e mal se calla,
 Nos seus hombros a mão pondo,
 Com hum semblante fereño,
 Assim á queixa respondo:

*Depois, Amor, de me dares
 A minha Marilia bella,
 Devo guardar humas Lyras,
 Que não são em honra della?*

*E que importa; Amor, que importa
 Que a estes papeis destrua;
 Se he tua esta mão, que os rasga,
 Se a chamma, que os queima he tua?*

Apenas Amor me escuta;
 Mandá que os lance nas brazas;
 E ergue a chamma c'ò vento,
 Que formou batendo as azas:



L Y R A XXXIII.

PEGA na lyra sonora,
 Pega, meu caro Glauceste;
 E ferindo as cordas de ouro,
 Mostra aos rusticos Pastores
 A formosura celeste
 De Marilia, meus amores.

Ah, pinta, pinta,

A minha bella!

E em nada a copia

Se affaste della.

Que concurso, meu Glauceste!

Que concurso tão ditozo!

Tu és digno de cantares

O seu semblante divino;

E o teu canto sonoro

Tambem do seu rosto he dino.

Ah

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a copia
Se affaste della.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimozas,
A discreta Natureza,
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lyrio, e fez a neve.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a copia
Se affaste della.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te desvelles:
Pinta chufmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando,
Huns tecendo cordas delles,
Outros com elles brincando.

Ah , pinta , pinta
 A minha bella !
 E em nada a copia
 Se affaste della.

Para pintares , Glauceste ,
 Os seus beijos graciosos ,
 Entre as flores tens o cravo ,
 Entre as pedras a granada ,
 E para os olhos formosos
 A Estrella da madrugada.

Ah , pinta , pinta
 A minha bella !
 E em nada a copia
 Se affaste della.

Mal retratares do rosto
 Quanto julgares precizo
 Não dês a copia por feita ;
 Passa a outros dotes , passa ,
 Pinta da vista , e do riso
 A modestia , mais a graça.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a copia
 Se affaste della,

Pinta o garbo de seu rosto
 Com expressões delicadas;
 Aos seus pés, quando passeão,
 Pizando ternos amores;
 E as mesmas plantas calcadas
 Brotando viçosas flores.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a copia
 Se affaste della,

Pinta mais, prezado amigo,
 Hum terno amante beijando
 Suas doiradas cadeias;
 E em doce pranto desfeito,
 Ao monte, e valle ensinando
 O nome, que tem no peito.

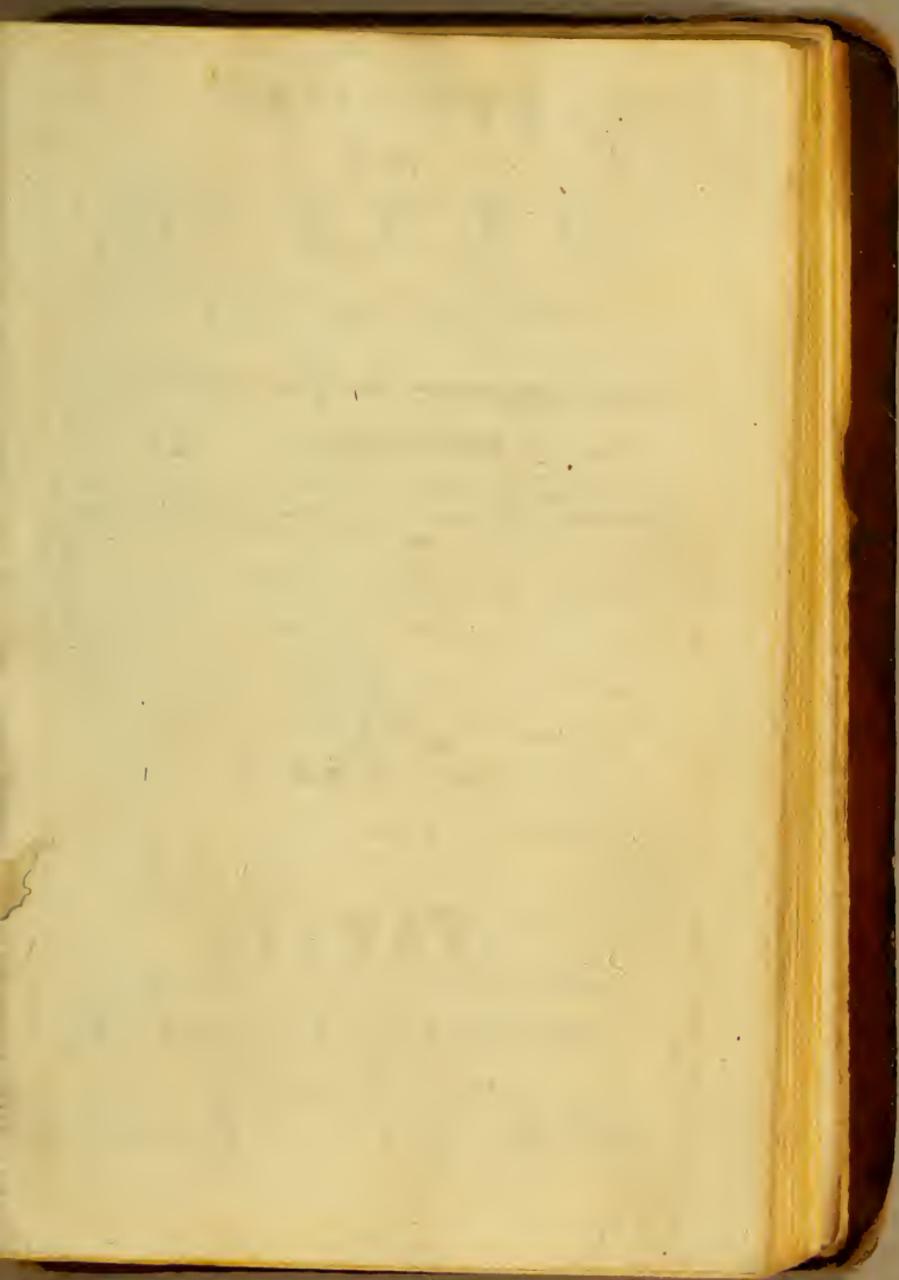
Ah

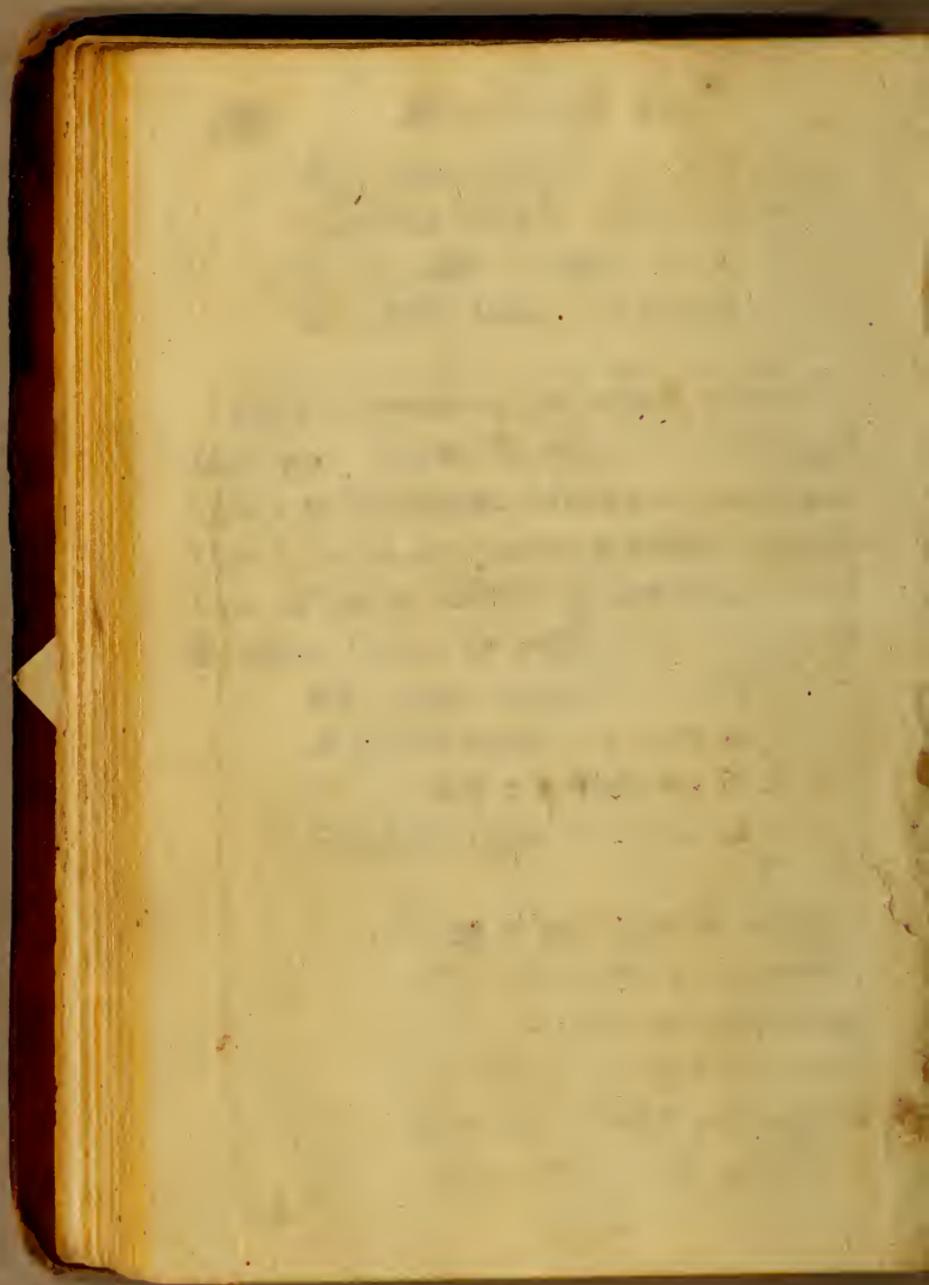
Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a copia
Se affaste della.

Nem suspendas o teu canto ,
Inda que , Pastor , se veja
Que a minha bocca suspira ,
Que se banha em pranto o rosto ;
Que os outros chorão de inveja ;
E chora Dirceo de gosto.

Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a copia
Se affaste della.

F I M.





MARILIA
DE
DIRCEO.

POR T. A. G.

SEGUNDA PARTE.



LISBOA:

NA OFFICINA NUNESIANA;

ANNO M. DCC. XCIX.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço;

1771

DECEMBER

1771

1771

1771

1771

1771

✽ {XXXXXXXXXX} (O) {XXXXXXXXXX} ✽
M A R I L I A
D E
D I R C E O.

◆ ————— ◆
L Y R A I.

JA' não cínjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras Canções o Deos me inspira:
Ah! que nem me resta
Huma já quebrada,
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado em que me vejo;
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta suppra
A paixão, e a arte.

A fumaça, Marília, da candêa,
 Que a molhada parede ou çuja, ou pinta;
 Bem que tosca, e fêa,
 Agora me pôde
 Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:
 Elle me diz, que faça no pé de huma
 Má laranja ponta,
 E delle me sirva
 Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo
 Verás, Marília, huma idéa nova:
 Sim, eu já te escrevo,
 Do que esta alma dita
 Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura,
Nada obra em te adorar, que affombro faça:

Mostra mais ternura

Quem te estima, e morre

Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa

Ainda vendo estou teus olhos bellos,

A teila formosa,

Os dentes nevados,

Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, fim, e vejo ainda

A chusma dos Cupidos, que pendentcs

Dessa bocca linda,

Nos ares espalhão

Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,
Responderei = no peito = que huns Amores
De casto desejo
Aqui te pintarão,
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah! nessa hora
Teu Retrato fizerão, e tão forte,
Que entendo, que agora
Só pôde apagallo
O pulso da Morte.

Itto escrevia, quando, ó Céos, que pejo!
Descubro a lêr-me os versos o Deos loiro.
Ah! da-lhes hum beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de oiro.

LYRA II.

E Sprema a vil calunnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes

Os venenos das plantas;

E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto

Não has-de ver, Marília, o medo escrito :

O medo perturbado,

Que infunde o vil delicto.

Pódem muito conheço, pódem muito ;

As Furias infernaes, que Pluto movê;

Mas póde mais que todas

Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa,
 A quem seu nome derão, a Narciso,
 Fêz de muitos os Altos,
 Qu' inda no Ceo diviso.

Elle pôde livrar-me das injurias
 Do nescio, do atrevido ingrato povo;
 Em nova flor mudar-me,
 Mudar-me em Altro novo.

Porém se os justos Céos por fins occultos
 Em tão tyranno mal me não socorrem,
 Verás então, que os sabios,
 Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.
 Tu, formosa Martiã, bem lo sabes:
 Hum coração, e basta,
 Onde tu mesma cabes.

◆————◆

L Y R A III.

Succede, Marilia bella,
 A' medonha noite o dia:
 A estação chuvosa e fria,
 A' quente secca estação.

Muda-se a sorte dos tempos;

Só a minha forte não?

Os troncos, nas Primaveras,

Brotão em flores viçosos;

Nos Invernos escabrosos

Largão as folhas no chão.

Muda-se a sorte dos troncos;

Só a minha forte não?

Aos brutos, Marilia, cortão
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.

Muda-se a forte dos brutos;

Só a minha forte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.

Muda-se a forte dos homens

Só a minha forte não?

Aos altos Deoses movêrão
Soberbos Gigantes guerra;
No mais tempo o Ceo, e a Terra
Lhes tributa adoração.

Muda-se a forte dos Deoses;

Só a minha forte não?

Hade, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia:
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.

Muda-se a forte de tudo;
Só a minha forte não?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A' verdade a vil-traição.

Muda-se a forte de tudo;
Só a minha forte não?

Qual eu sou verá o mundo,
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha.
Que feliz consolação!

Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha forte não.



L Y R A IV.

JA', já me vai, Marilia, branquejando
Loiro cabelo, que circúla a testa;
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
As forças dos meus membros já se gastão,
Vou a dar pela casa huns curtos passos,
Pesão-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos danos.

Mal te vir me dará em poucos dias,
A minha mocidade o doce gosto;
Ver's burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão;
Na Primavera, que aos mortaes encanta,
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padcce;
Mas logo que a doença fez seu termo;
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual a planta,
 No meio da desgraça, que me altera:
 Eu tambem te supponho qual faude,
 Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
 Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores;
 Que effeitos-não farão, em quem por elles
 Sempre morrêo de amores?



L Y R A . V .

OS mares, minha bella, não se movem;
 O brando Norte assopra, nem diviso
 Huma nuvem sequer na Esfera toda,
 O destro Nauta aqui não he preciso;
 Eu só conduzo a não, eu só modêro
 Do seu governo a roda.

Mas

Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empolla,
Rasga-se a véla, o mastaréo se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme
Não tenho a necessaria força, e arte.
Corra o fabio Piloto, corra, e venha
Reger o duro leme.

Como succede á náó no mar, succede
Aos homens na ventura, e na desgraça:
Basta ao feliz não ter total demencia,
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah, não, não tardes, vem, Marilia amada,
Toma o leme da náó, marêa o panno,
Vai-a salvar no porto.

Mas

Mas ouço já de Amor as fábias vozes:
 Elle me diz que soffra se não morro;
 E perco então se morro huns doces laços.
 Não quero já, Marilia, mais foccorro;
 Oh ditoso soffrer, que lucrar póde
 A gloria dos teus braços!



L Y R A VI.

DE que te queixas,
 Lingua importuna?
 De que a Fortuna
 Roubar-te queira,
 O que te deu?
 Este foi sempre
 O genio feu.

Levou , Marilia ,
A impia forte
Catoens á morte ;
Nem sepultura
Lhes concedeu.

Este foi sempre
O genio feu.

A outros muitos ,
Que vís nascêrão ,
Nem merecêrão ,
A grandes thronos
A impia ergueu.

Este foi sempre
O genio feu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens, e os damnos;
E a quem se devão
Nunca escolheu.

Este foi sempre
O genio seu.

A quanto he justo,
Já mais se dobra;
Nem igual obra
C'os mesmos Deoses
Do cáro Ceo.

Este foi sempre
O genio seu.

Sobe ao Ceo Venus
N'hum carro ufano;
E cahe Vulcano
Da pura esfera,
Em que nasceu.

Este foi sempre
O genio seu:

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra, e virtude:
Que o mais he della,
Mas isto he meu.

Este foi sempre
O genio seu.



L Y R A VII.

MEu prezado Glauceste,
 Se fazes o conceito,
 Que bem que réo abrigo
 A candida Virtude no meu peiço.
 Se julgas, digo, que mereço ainda
 Da tua mão soccorro;
 Ah! vem dar-m'o agora,
 Agora sim que morro.

Não quero, que montado
 No Pegaço fogoso,
 Venhas com dura lança
 Ao monstro infame traspassar raivoso.
 Deixa que viva a perfida calumnia,
 E forge o meu tormento:
 Com menos, meu Glauceste,
 Com menos me contento.

Toma a lyra doirada,
E toca hum pouco nella:
Levanta a vóz celeste
Em parte que te escute a minha bella;
Enche todo o contorno de alegria;
Não soffras, que o desgosto
Affogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu fei, eu fei, Glauceste,
Que hum bom Cantor havia,
Que os brutos amansava;
Que os troncos, e os penedos attrahia.
De outro destro Cantor tambem affirma,
A sábia Antiguidade,
Que as muralhas erguêra
De huma grande Cidade.

Orfeo as cordas fere;
O som delgado, e terno
Ao Rei Plutão abranda,
E o deixa que penetre o fundo Averno.
Ah, tu a nenhum cedés, meu Glauceste,
Na lyra, e mais no canto:
Podes fazer prodigios;
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola hum peito afflito;
Que he menos inda, que domar as fêras.
Com isto me darás no meu tormento
Hum doce lenitivo,
Que em quanto a bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo.



LYRA VIII.

EU vejo, ó minha bella, aquelle Numen,
A quem o nome derão de Fortuna,
Pega-me pelo braço;
E com vóz importuna
Me diz que mova o passo;
Que entre no grande Templo, em q̄ se encerra
Quanto o destino manda,
Que ella obre sobre a terra.

Que coizas portentosas nelle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;
Vejo-a queimar Carthago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.
Lá florece o poder do Assyrio Povo:
Aqui os Medos crescem
E os perde hum braço novo.

E.1-

Então me diz a Deosa: *E que pertendes ?
Todas estas Medalhas vêr agora ?*

Ab! não, não sejas louco!

Espaço de annos fôra

Para isso ainda pouco.

Deixa estranhos successos; vem comigo,

Verás quanto inda deve

Acontecer com tigo.

Levou-me a onde estava a minha historia,
Que toda me explicou com medo, e arte.

Tirei-te libras de oiro,

Me diz, e quero dar-te

Todo aquelle thesoiro.

Não suspira por bens hum peito nobre:

Sevêro lhe respondo.

Vivo affeito a ser pobre.

Aqui me enruga a Deosa irada a testa,
E fica sem fallar hum breve espaço.

Alegra, alegre o rosto,

Profegue, ali te faço

Restituir o posto.

Respondo com ar de moça, e tom sereno:

Conheço-te, Fortuna,

Posso morrer pequeno.

Aqui te dou, me diz, a tua amada.

Então me banho todo de alegria

Cuidei, me torna a cega,

Que essa alma não queria

Nem esta mesma entrega.

He esse o bem, respondo, que me move;

Mas este bem he santo,

Vem só da mão de Jove

Que-

Queria mais fallar ; eu insoffrido
 Desta maneira rompo os seus accentos :

Basta , Fortuna , basta ;

Estes breves momentos

Lá noutras coizas gasta ;

Da minba sorte nada mais contemplo.

E chamando Marilia

Suspiro , e deixou o Templo.



LYRA IX.

A Estas horas
 Eu procurava
 Os meus Amores ;
 Tinhao-me inveja
 Os mais Pastores.

A porta abria ,
 Inda esfregando
 Os olhos bellos ,
 Sem flor , nem fitta
 Nos feus cabellos :

Ah ! que assim mesmo
 Sem compostura ,
 He mais formosa ,
 Que a estrella d'alva ,
 Que a fresca rosa .

Mal eu a via ,
 Hum ar mais - leve ,
 (Que doce effeito !)
 Já respirava
 Meu terno peito .

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e felva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

Nō cóllo a punha,
Então brincando
A mim a unia;
Mil coizas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo ,
Que eu só com ella
He que fallava ;
Ria-se a furto ,
E disfarçava.

Destá maneira
Nos castos peitos ,
De dia , em dia .
A nossa chamma
Mais se accendia.

Ah ! quantas vezes
No chão sentado ,
Eu lhe lavrava
As finas rócás ,
Em que fiava ?

Da

Da mesma forte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente fésta,
Della defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da fanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava:
Então vaidoso
Assim cantava:

Não ha Pastora,
Que chegar possa
A' minha bella ;
Nem quem me iguale
Tambem na estrella :

Se Amor concede
Que eu me recline
No branco peito ,
Eu não invejo
De Jove o leito :

Ornãõ seu peito
As sãs virtudes,
Que nos namorãõ ;
No seu semblante
As Graças morãõ.

Assim vivia:
 Hoje em suspiros
 O canto mudo:
 Assim, Marilia,
 Se acaba tudo.



L Y R A X.

ARde o velho barril, arde a cabeça,
 Em honra de João na larga rua;
 O credulo Mortal agora indaga,
 Qual seja a sorte sua?

Eu não tenho alcaxofra, que á luz chegue,
 E nella orvalhe o Ceo de madrugada,
 Para ver se rebentão novas folhas,
 Aonde foi queimada.

Tambem não tenho hum ovo , que despeje
Dentro de hum cópo d'agua , e possa nella
Fingir Palacios grandes , altas Torres ,
E huma Náo á véla.

Mas, ah! em bem me lébre: eu tenho ouvido
Que na boca hum bochecho d'agoa tome,
E atrás de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir hum nome.

Qué o nome , que primeiro ouvir , he esse
O nome , que ha de ter a minha amada :
Pode verdade fer , se fôr mentira ,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar , e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena :
Despejo logo a boca : ah ! não fei como
Não morro alli de pena !

Apparece Cupido: então foltando
Em ar de zombaria huma rifada.
E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não foi bem pregada?

Eu já te disse, que Marilia he tua:
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vais acreditar, o que te ensina
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo: quem debaixo
Do açoite da Fortuna afflito geme,
Nas mesmas coifas, que só são brinquedos,
Se agoirão males, teme.



L Y R A X I.

SE acaso não estou no fundo Averno
Padece, ó minha bella, sim padece
O peito amante, e terno,
As afflições tyrannas, que aos Precitos
Arbítra Rhadamantho em justa pena
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes
Com a mão descarnada não me applicão
As raivofas serpentes.

Mas cercão-me outros mōstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marília, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha;
Ou em mover a roda.

Mas tenho ainda mais cruel tormento :
Por coisas que me affligem, roda, e gyra
Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
A's tepidas entranhas não me come
Hum abutre esfaimado.

Mas sinto de outro monstro a crueldade :
Devora o coração, que mal palpita,
O abutre da faudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
Que de mim se retirão, quando busco
Fartar o meu desejo;

Mas quer, Marília, o meu destino ingrato,
Que lograr-te não possa, estando vendo
Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno , estou, Marilia bella ;
E n'uma coisa só he mais humana

A minha dura estrella :

Huns não podem mover do Inferno os passos;

Eu pertendo vôar , e vôar cedo

A' gloria dos teus braços.



L Y R A XII.

AH, Marília, que tormento!
Não tens de sentir faudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma Aldêa,
Que tyrannos não proponhão
A' inda inquieta idéa
Huma imagem de afflicção.
Mandarás aos furdos Deosês
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,
 Teu ledo rebanho ao prado
 Tu dirás : aqui trazia
 Dirceo também o seu gado.
 Verás os sitios ditosos
 Onde, Marilia, te dava
 Doces beijos amorosos
 Nos dedos da branca mão.
 Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires
 Sem queres, descuidada,
 Tu verás, Marilia, a minha
 E minha pobre morada.
 Tu dirás então comtigo :
 Alli Dirceo esperava
 Para me levár comtigo :
 E alli soffreo a prisão.
 Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Quan-

Quando vires igualmente
Do caro Glaucette a choça,
Onde alegres se juntavão
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás, de mágoa chêa:
Todo o congresso alli anda,
Só o meu Amado não.

Mandarás aos furdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: não foi tyranna
Sómente comigo a forte;
Tambem cortou deshumana
A mais fiél un ão.

Mandarás aos furdos Deoses
Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem' separadas
Dos inchados rôxos olhos,
Estão, que he mais, retratadas
No fundo do coração.

Tambem mando aos furdos Deoses
Tristes suspiros em vão.

L Y R A XIII.

V Es, Marilia, hum cordeiro
 De flores enramado,
 Como alegre caminha
 A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre:
 A Pyra sacro-santa já se accende:
 O Ministro o fere, elle bala, e morre.

Vês agora o novillo,
 A quem segura o laço:
 No chão as mãos espeda:
 Nem quer mover hum passo:
 Não conhece que sahe de hum máo terreno,
 Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
 O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto, como
 Lhe dispomos a forte :
 Hum vai forçado á vida,
 Vai outro alegre á morte,
 Nós temos, minha bella, igual demencia:
 Não sabemos os fins, com que nos move
 A fábria, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
 Os máos matar quizerão:
 De conselho mudarão,
 Como escravo o vendêrão:
 José não corre a ser hum servo afilito:
 Vai subindo os degráos, por onde chega
 A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino
 Hoje, ó bella, me prende,
 Só porque nisto de outros
 Mais damnos me defende?
 Pode inda raiar hum claro dia.
 Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;
 E beijo a santa mão, que assim me guia.



L Y R A XIV.

Alma digna de mil Avós Augustos!
 Tu sentes, tu soluças
 Ao ver cahir os justos;
 Honras as fantas leis da Humanidade:
 E aos teus exemplos deve
 Gravar com letras de oiro no seu Templo
 A candida Amizade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,
Que vê com rosto enchuto
No seu igual a morte.

Não he tambem de Heróe hum peito duro,
Que a sua gloria firma,
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo, e chora!

He grande para mim, quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar podéra,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,
Entre os Heróes do Mundo
Hum nome glorioso,
Não he, porque levanta huma cidade;
He sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai a quem detinha
A mão da branca idade.

Ah! se ao meu contrario entre as chãmas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remira:
Inda por elle muito mais obrára:
E se nada servisse,
Fizera então, Amigo, o que fizeste,
Gemêra, e suspirára.

Oh,

Oh ! quanto são duraveis as cadêas
De huma amizade , quando
Se dão iguaes idéas !

Se a pezar dos estorvos se fustinha
Nossa união sincera ,
Foi por ser a minha alma igual á tua ,
E a tua igual á minha.

Se , ó caro Amigo , te merece tanto ,
Lá lhe fica a sua alma ,
Limpa-lhe o terno pranto.

De quem eu fallo , és tu , Marilia bella.

Ah ! sim , honrado Amigo ,
Se enxugar não poderes os seus olhos ;
Prantêa então com ella.



L Y R A X V .

EU, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro;
Fui honrado Pastor da tua Aldêa;
Vestia finas lãns, e tinha sempre
A minha chóça do prec'fo chêa.
Tirarão-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho a que me encofte hum fô cajado.

Para ter, que te dar, he que eu queria
De mór rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabellos
Ainda muito mais que hum grande Throno.
Agora que te offerte já não vejo
Além de hum puro amor, de hum são desejo.

Se o rio levantado me causava
Levando a sementeira prejuizo,
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve boca hum ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida fésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoilas na floresta.
Julgou o justo Ceo, que não convinha
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah, minha bella, se a Fortuna volta,
Se o bem que já perdi alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer hum homem novo;
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar no Ceo a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de hum bom rebanho.
Para o contagio lhe não dar sobeja
Que as affague Marilia, ou só que as veja.

Se não tivermos lans, e pelles finas,
podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal cortidas,
E os pannos feitos com as lans mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de Amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente fésta
Com canas, e com cêstos os peixinhos:
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envifgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio, honesto, e santo.

Nas noites de ferão nos sentaremos
C'os filhos se os tivermos á fogueira;
Entre as falsas historias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira:
Pasmados te ouviráõ; eu entre tanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua
Nos mostraráõ c'õ o dedo os mais Pastores,
Dizendo huns para os outros: olha os noſſos
Exemplos da desgraça, e sãoſ amores.
Contentes viviremos desta forte,
Até que chegue a hum dos dois a morte.



L Y R A X V I.

VEjo, Marilia,
Que o nédeo gado
Anda disperfo
No monte, e prado;
Que assim succede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O feu Pastor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Tambem conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Darão suspiros
E verdadeiros ;
Porque perdêrão
Hum pai no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Eu mais alcanço ;
Que a minha herdade
Estando eu prezo ,
Soffrer não ha-de
Nem a charrua ,
E nem a grade ;
Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas

Mas quando sobe
A' minha idéa,
Que tu ficaste
Lá nessa Aldêa.
De mil cuidados
E mágoa cheia;
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte!
Peza-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a forte,
Trato a Cupido
Por hum traidor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

Mas

Mas este excesso

Perdão merece,

E delle Jove

Se compadece;

Que Jove, ó bella,

Mui bem conhece,

Aonde chega

Paixão de amor.

Eu já não soffro

A viva dor.



L Y R A XVII.

D Irceo te deixæ, ó bella,
De padecer cançado:
Frio fuor já banha
Seu rosto descórado;
O sangue já não gyra pela vêa,
Seus pulsos já não batem;
E a clara luz dos olhos se bacêa:
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira, e morre.

Seu espirito chega
 Onde se pune o erro:
 Late o cão, e se lhe abrem
 Grossos portões de ferro.

Aos severos Juizes se apresenta,
 E com sentidas vozes
 Toda a sua tragedia representa:
 Enche-se de ternura, e novo espanto
 O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a boca,
 E a pedra não despede;
 Outro já não se lembra
 Da fome, e mais da sede:
 Descança o curvo bico, e a garra impia
 Negro abutre esfaimado:
 Nem na roca medonha a Parca fia.
 Até as mesmas Furias inclementes
 Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes ;
E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sitio , em que ficão
Almas dignas de pena.
Já sahe do escuro Reino , e da memoria
Lhe passa tudo quanto
Ou póde dar-lhe mágoa , ou dar-lhe gloria.
Só, bem que o gosto as turvas agoas tome ,
Inda , Marilia, inda diz teu nome.

Entra Já nos Elyfios
Campinas venturofas ,
Que mansos rios cortão ,
Que cobrem sempre as rofas.
Escuta o canto das sonoras aves ,
E bebe as ágoas puras ,
Que o mel , e de que o leite mais fuaves.
Aqui, diz elle , espero a minha bella ,
Aqui contente viverei com ella.

Aqui

Aqui... porém aonde
Me leva a dôr activa?
He illusão detta alma.

Jove inda quer que eu viva.

Eu devo sim gofár teus doces laços;

E em paga dos meus males

Devo morrer, Marilia, nos teus braços.

Então eu passarei ao Reino amigo;

E tu irás despois lá ter comigo.



LYRA XVIII.

Não molho, Marilia,
De pranto a masmorra
Que o terno Cupido
Não vê, e não corra,
A hilo apanhar.
Estende-o nas azas
Sobre elle suspira,
Por fim se retira,
E vai-to levar.

Se o moço não mente,
Aos tristes gemidos,
Aos ais laltimosfos
Não guardes unidos,
Marilia, c'os teus:
As lagrimas nossas
No seio amontôa
Fórma azas, e vôa,
Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa,
Que amava aos Troianos,
Livra-los querendo
De riscos, e damnos
A Jove buscou.
As aguas, que o rosto
Da Deosa banhárão
A Jove abrandárão,
E assim os salvou.

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove;
Ainda se abranda,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.



LYRA XIX.

+
NEsta triste masmorra,
De hum semivivo corpo sepultura,
Inda, Marilia, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéa te retrata,
Busca extremo, que eu assim resista
A' dôr immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:

Vejo o teu rosto, e escuto

A tua voz, e riso.

Movo ligeiro para o vulto os passos:
Eu beijo a tibia luz em vez de face;
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha ;
A violencia da mágoa não supporto ;
Foge-me a villa , e caio
Não fei se vivo , ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto ;
Reclina-me no peito , e com mão terna
Me limpa os olhos do falgado pranto.

Despois que represento
Por largo espaço a imagem de hum defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem com siço;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo.

Se queres ser piedoso ,
Procura o sitio em que Marilia móra ,
Pinta-lhe o meu estrago ,
E vê , Amor , se chora.

Se a lagrimas verter a dôr a arrasta ,
Huma dellas me traze sôbre as pennas ,
E para allivio meu só isto basta.



L Y R A XX.

SE me visses com teus olhos
Nesta masmorra mettido ;
De mil idéas funestas ,
E cuidados combatido :
Qual seria , ó minha bella,
Qual seria o teu pezar ?

A' força da dôr cedêra.
E nem estaria vivo,
Se o menino Deos vendado,
Extremofo, e compassivo,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixó a cama ao romper d'alva;
O meio dia tem dado,
E o cabello inda flutua
Pelas costas defgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: E Marilia.
Não estima esse cabello?
Se o deixas perder de todo
Não se ha de enfadar ao vello?
Suspiro pego no pente,
Vou logo o cabello atar.

Vem hum taboleiro entrando
De varios manjares cheio ,
Põe-se na meza a toalha ,
E eu pensativo passeio :
De todo o comer esfria ,
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que matar-te ,
Diz Amor, te tens proposto ;
Fazes bem : terá Marilia
Desgosto sobre desgosto.
Qual enfermo c'o remedio
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegão as horas Marilia ;
Em que o Sol já se tem posto ,
Vem-me á memoria que nellas
Via á janella o teu rosto :
Reclino na mão a face
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: Já basta,
Já basta, Dirceo, de pranto;
Em obsequio de Marilia
Vai erguer teu doce canto.
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me
A velha çuja candêa;
Fica, Marília, a masmorra
Inda mais triste, e mais fêa.
Nem mais canto, nem mais posso
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido: São horas
De escrever-se o que está feito;
Do azeite, e da fumaça
Huma nova tinta ageito,
Tomo o páo, que penna finge.
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono
Canta o Gallo a vez terceira;
Eu digo ao Amor; que fico
Sem deitar-me a noite inteira:
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide,
Que hei-de ver Marilia em sonho;
Não respondo huma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Risfítir, ó minha Bella,
Quem não tem de Amor a graça?
Se eu que vivo á sombra della
Inda vivo desta forte,
Sempre triste a suspirar?



LYRA XXI.

Que diversas que são, Marília, as horas
Que passo na masmorra immunda, e fêa,
Dessas horas felizes, já passadas
Na tua patria Aldêa.

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E á sombra de alto Cédro na Campina
Eu versos te compunha, e elle os compunha
A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
De exceder hum ao outro qualquer trata
O ecco agora diz: *Marilia terna*;
E logo: *Eulina ingrata*.

Dei-

Deixão os mesmos Sátyros as grutas :
Hum para nós ligeiro move os passos ;
Ouve-nos de mais perto , e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo (clama hum Pastor,) ah! bem merece
Da ternissima Marilia a formosura.
E aonde , clama o outro , quer Eulina
Achar maior ventura ?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho ,
Em quanto em nós durava esta porfia.
E ella , ó minha amada , só findava
Depois de acabar-se o dia.

A noite te escrevia na cabana
Os versos , que de tarde havia feito ;
Mal tos dava , e os lias , os guardavas
No casto , e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento.
Eu agora, Marilia, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.



LYRA XXII.

POr morto, Marilia ;
Aqui me reputo :
Mil vezes escuto
O som do arrastado ,
E duro grilhão.
Mas, ah ! que não treme ,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prizão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo, Marilia,
A mil innocentes
Nas Cruzes pendentes,
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gozar-te
A gloria de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Repára, Marilia,
O quanto he mais forte
Ainda que a morte,
N'um peito esforçado
De amor a paixão.
Marilia, já treme;
Já treme de susto
O meu coração.



L Y R A XXIII.

Não praguejes, Marilia, não praguejes
A justiceira mão que lança os ferros:
Não traz de balde a vingadora espada;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se derão, e em seu peito morão.
Manda prender ao Réo austeramente a boca,
Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calumnia
Que culpa aquelle tem que applica a penna.
Não he o Julgador, he o processo,
E a lei quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano ;
Aqui todos confessão suas culpas ,
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes :
Huma o fogo chega , outra as serpes move ;
Todos maldizem sim a sua estrella ,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe ;
Bem que a prizão me dá que eu não mereço.
Qual eu sou , minha bella , não me trata ,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira , Marilia , quando pune.
Ao vassallo que julga delinquente ;
Que gosto não terá podendo dar-lhe
As honras de innocente ?



L Y R A XXIV.

EU vou, Marilia, vou brigar co' as feras.
Huma soltárão , eu lhe sinto os passos ,
Aqui aqui a espero
Nestes despídos braços.

He hum malhado tigre ; a mim já corre ,
Ao peito o aperto , estalão-lhe as costelas ,
Desfallece , cahe , urra , treme , e morre.

Vem agora hum Leão: facode a grenha ;
Com faminta paixão a mim se lança ;
Venha embora , que o pulso
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira ;
O corpo lhe fraquêa, os olhos inchão,
Açoita o chão convulso, arqueja, e espira.

Mas que vejo, Marilia! tu te affustas?
-Entendes que os destinos inhumanos
Expoem a minha vida
No cêrco dos Romanos?

Com urfos, e com onças eu não luto.
Luto c'ò brayo monstro que me accusa ;
Que os tigres, e leões mais féro, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calúnia a cortadora espada ;
Huma alma , qual eu tenho,
Não se recêa a nada.

Eu hei-de, sim , punir-lhe a insolencia ,
Pizar-lhe o negro cóllo' , abrir-lhe o peito
Co' as armas invenciveis da innocencia.

Ah , quando imaginar , que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo
Hei-de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo immundo.

Eu então lhe direi : Infame, indíno,
Obras como costuma o vil humano ;
Faço o que faz hum coração divino.



LYRA XXV.

+
MInha Marilia,
O passarinho,
A quem roubarão
Ovos, e ninho,
Mil vezes poufa
No seu raminho,
Piando finge
Que anda a chorar.
Mas logo vòa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acaso a vacca
Perde a vitéla,
Tambem nos mostra,
Que se desfvéla,
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar.

Em poucos dias,
Ao que parece,
Della se esquece,
E vai pastar.

O voráz Tempo ,
Que o ferro come ,
Que aos mesmos Reinos
Devora o nome ,
Tambem, Marilia ;
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar.

Ah só não póde
Ao meu tormento
Por hum momento
Allivio dar.

Tambem, ó bella,
Não ha quem viva
Instantes breves
Na chamma activa ;
Derrete ao bronze
Sendo excessiva
Ao mesmo feixo
Faz estalar.

Mas do amianto
A fêbra dura
Na chamma atura
Sem se queimar.

Tambem, Marilia,
NÃO ha quem negue,
Que bem que o fogo
Nos oleos pegue,
Que bem que em lingoas
A's nuvens chegue,
A' força d' agoa
Se ha de apagar.

Se a negra pedra
Nós accendemos.
Com agoa a vemos
Mais s' inflammar.

O meu discurso ,
 Marilia, he resto ;
 A pena iguala
 Ao meu affecto.
 O amor que nutro
 Ao teu aspecto ,
 E o teu semblante
 He singular.

Ah ! nem o tempo ,
 Nem inda a morte
 A dôr tão forte
 Pode acabar.



L Y R A XXVI.

Aquelle, a quem fez cego a Natureza,
 C'o bordão apalpa, e aos que vem pergunta;
 Ainda se despenha muitas vezes,
 E dois remedios junta.

De ser cega a Fortuna eu não me queixo;
 Sim me queixo de que má cega seja
 Céga que nem pergunta, nem apalpa,
 He porque errar deseja.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
 Entrega as grossas chaves de hum thesoiro;
 E lança na miseria a quem conhece
 Para que ferve o coiro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa
Que a tráz do vicio em liberdade corra,
Eu hõroas leis do Imperio, ella me opprime
N' esta vil mafmorra.

Mas ah! minha Marilia, que esta queixa
Co' a sólida razão se não coaduna,
Como me queixo da Fortuna tanto,
Se fei não ha Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deosa
Que os Sábios fingem que huma roda move;
He só a occulta mão da Providencia,
A fábia mão de Jove.

Nós he que somos cégos, que não vemos;
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins varedas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;
C'o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bella,
He muito mais honroso.



L Y R A XXVII.

A Minha amada
He mais formosa
Que branco lyrio,
Dobrada rosa,
Que o cinnamomo,
Quando matiza
Co' a folha a flor.
Venus não chega
Ao meu Amor.

Vasta campina
De trigo chêa,
Quando na fésta
C'o vento ondêa,
Ao seu cabello
Quando flutua
Não he igual.
Tem a côr negra:
Mas quanto val!

Os astros, que andão
Na esfera pura,
Quando scintillão
Na noite escura,
Não são humanos,
Tão lindos, como
Seus olhos são.
Que ao Sol excedem
Na luz que dão.

A's brancas faces,
 Ah! não se atreve
 Jasmim de Italia,
 Nem inda a neve,
 Quando a defata
 O Sol brilhante
 Com seu calôr.
 São neve, e causão
 No peito ardor.

Na breve boca
 Vejo enlaçadas
 As finas per'las
 Com as granadas;
 A par dos beijos
 Rubins da India
 Tem preço vil.
 Nelles se agarrão
 Amores mil.

Se não lhe dêsse
Compadecido
Tanto soccorro
O Deos Cupido ;
Se não vivêra
Huma esperança
No peito seu ;
Já morto estava
O bom Dirceo.

Vê quanto póde
Teu bello rosto ;
E de goza-lo
O vivo gosto !
Que sobmergido
Em hum tormento
Quasi infernal ,
Porqu' inda espero
Resisto ao mal.



LYRA XXVIII.

D Eté-te, vil humano,
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno.

O çumo que ellas dão he pouco forte,
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta ahi venenos,
Que nunca viße o mundo;
Traz o negro licôr, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que pôz a Natureza
Dentro no Mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta,
Bem que huma onda, e outra onda
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra
As robustas raizes,
Buscando o centro, afferra,
Não teme ao furacão mais violento;
E menos se se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco , e rócha , ó bella ,
Que agoita o Sul que brama ,
E o Mar , que se encapella :
Não temas que do rosto a côr se mude ;
Vence as róchas , e os troncos
A sólida Virtude.

A maior desventura
He sempre a que nos lança
No horror da sepultura :
O cobarde a morrer tambem caminha ;
Com que males não póde
Huma alma como a minha ?



LYRA XXIX.

EU descubro procurar-me
Gentil mancebo, e loiro,
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde loiro.
Vejo fer o Pai das Mufas,
E me entrega a lyra d'oiro.

Já basta, me diz, ó filho,
Já basta de sentimento;
O cançado peito exige
Hum breve contentamento.
Louva a formosa Marilia
Ao som do meu instrumento.

Firo as cordas; mas que importa?
A dôr não focega em tanto.
Ergo a voz, então reparô
Que quanto mais corre o pranto
He mais doce, e mais sonoro
Meu terno, e faudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão, que regia o braço;
E depois de estar suspenso,
De me ouvir hum largo espaço,
Assim diz: *o Deos Cupido*
Faz inda mais do que eu faço.

Eu te dou a minha lyra,
Louva, louva a tua Bella;
Porém vê que ta concedo
Com condição, e cautella....
Eu lhe corto a voz, dizendo,
Que só canto em honra della.



LYRA XXX.

† O Pai das Mufas,
O Pastor loiro
Deo-me, Marilia,
Para cantar-te
A lyra de oiro.

As cordas firo,
O brando vento
Teus dotes leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

O teu cabello
Vale hum thesoiro;
Hum só me adorna
A sábia frente
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos
Amor assiste;
Delles faz guerra;
Ninguem lhe foge,
Ninguem resiste.

Algumas vezes
Eu o diviso
Tão bem occulto
Nas lindas cóvas,
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos
Tem os feusinhos
Destros Amores,
Nelles se gerão
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,
Quando com arte
As armas toma,
Porque mais prenda
Ao fero Marte.

Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marilia,
O som escuto
Das vis cadéas.

Dou hum suspiro ,
Corre o meu pranto;
E inda bebendo
Lagrimas tristes ,
De novo canto.

Sou da constancia
Hum vivo exemplo.
E vós, ó ferros ,
Honrareis inda
De Amor o Templo.



LYRA XXXI.

Roubou-me, ó minha Amada, a forte impia;
Quanto de meu gosava
N'um só funesto dia.

Hoz-

Honras de maioral , manada grossa ,
Fertil , extensa herdade ,
Bem reparada chóça.

Metteo-me nesta infame sepultura ,
Que he sepulcro sem honras ,
Breve masmorra , escura.

Aqui , ó minha Amada , nem configò ,
Venha outro desgraçado
Sentir tambem comigo.

Mas se esta companhia não mereço ,
Os Deoses me dão outra ,
Inda de mais apreço.

Não he , não , illusão o que te digo ;
Tu mesma me acompanhas ;
Peno , mas he contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas ,
Os teus soltos cabellos ,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse , infeliz me não differa ,
Bem que subíra ao Potro ,
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas ,
Com ardentes suspiros
A's vezes mal formadas.

Mas vejo , ó cara , as tuas letras bellas ;
Huma por huma beijo ,
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino ;
Que o teu amor na ausencia
Será leal , e fino.

De novo a carta ao coração aperto ,
De novo a molha o pranto
Que de ternura verto.

Ah ! leve muito embora o duro Fado ,
A tudo quanto tenho
Com meu suor ganhado.

Eu juro , que do roubo nem me queixe ,
Com tanto , ó minha cara ,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão ,
Os que te amão , sómente
Porque menos te ouvirão ?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga ;
Que eu tenho aquella gloria ,
Que a mil felizes nega.



LYRA XXXII.

SE o vasto mar se encapella ,
E na rócha em flor rebenta ,
Grossa náó, q' não tem léme ,
Em vão sustentar-se intenta ;
Até que naufraga , e corre
A' discrição da tormenta.

Quem náó tem huma Belleza ,
Em que ponha o seu cuidado ,
Se o Ceo se cobre de nuvens ,
E se assopra o vento irado ,
Não tem forças que resistão
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra ,
Aonde, Marilia, vivo ,
Encosto na mão o rosto ,
Fico ás vezes pensativo,
Ah ! que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra ,
Marilia, toda enlutada,
A face de hum pai rugosa ,
N'um mar de pranto banhada ,
Os amigos mascilentos ,
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado ,
Vejo n'ua grande Praça
Hum theatro levantado.
Vejo as Cruzes , vejo os Potros ,
Vejo o Alfanje afiado.

Hum

Hum frio fuor me cobre,
Lação-se os membros, suspiro,
Busco allivio ás minhas ancias,
Não o descubro, deliro.
Já, meu Bem, já me parece,
Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua boca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite affugenta,
Qual o Sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aqueenta,
Ou qual Iris, que o Ceo limpa,
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, desterro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio,
A razão, e a prudencia;
E firme esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

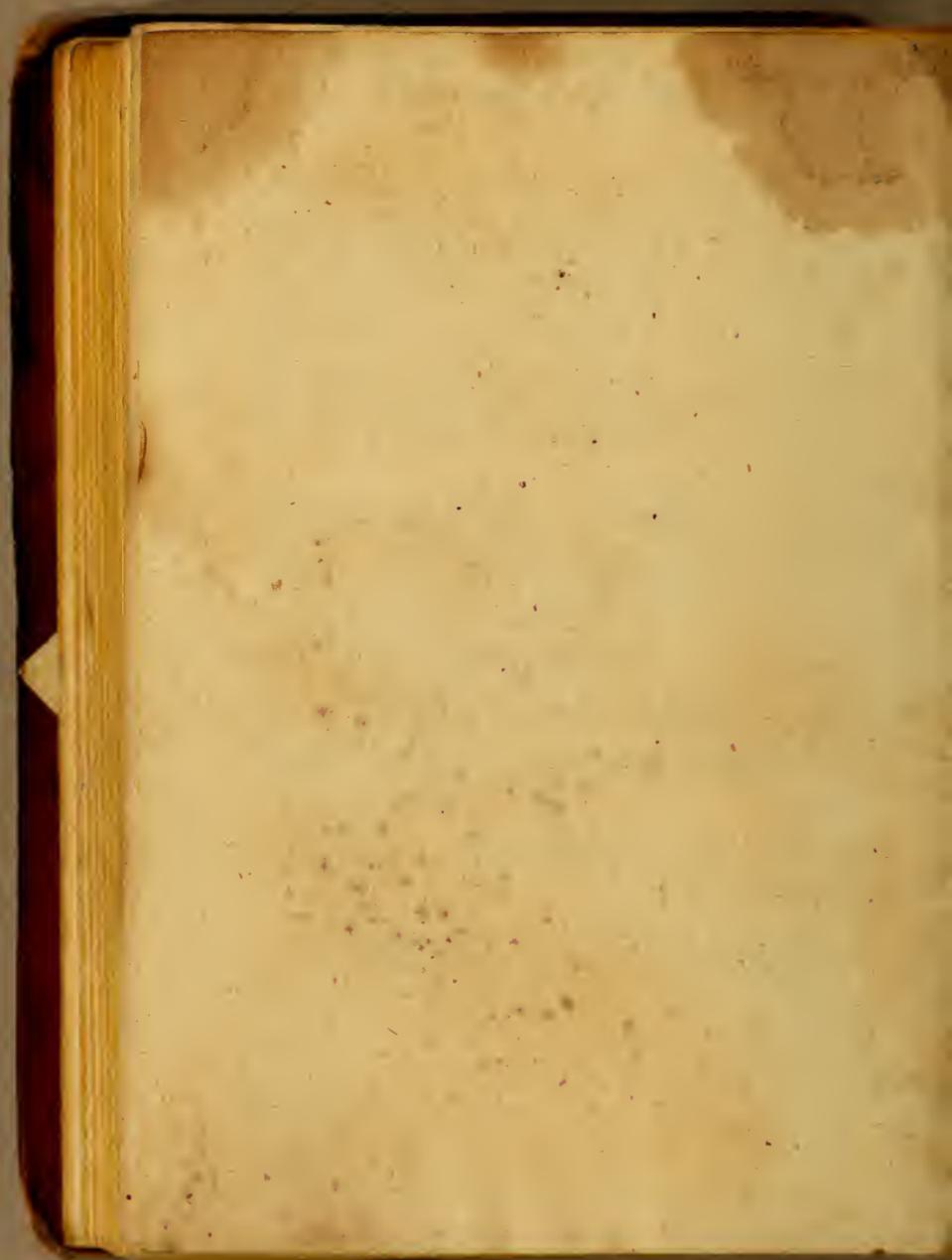
Restauro as forças perdidas,
Sóbe a viva côr ao rosto;
Gyra o fangue pela vêa,
E bate o pulso composto.
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto.

F I M.

Vende-se na Loja da Gazetta.

4500

7/94



C799

G1642m

